



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH**

**BERNO LOGIS**

**A REVOLUÇÃO DO HAITI DE 1791-1804: INFLUÊNCIAS E IMPACTOS  
SOBRE AS OUTRAS COLÔNIAS NAS AMÉRICAS, O CASO DO BRASIL**

**CAMPINAS  
2015**

**BERNO LOGIS**

**A REVOLUÇÃO DO HAITI DE 1791-1804: INFLUÊNCIAS E IMPACTOS  
SOBRE AS OUTRAS COLÔNIAS NAS AMÉRICAS, O CASO DO BRASIL**

Monografia apresentada ao Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade  
Estadual de Campinas como requisito parcial  
para obtenção de título Bacharel em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Lucilene Reginaldo.

CAMPINAS

2015

*Mwen dedye travay sa a pou manman'm  
Violette Logis, pou sakrifis li, lanmou li  
depi lèl tap potem nan vant pou jis jounen  
jodia. Travay sa a se kòmansman rezilta  
kouraj li. Ke Bondye nan lanmoul protejew,  
prolonje lavi ou, pou kontinye rekolte fwi  
zantray ou.*

## AGRADECIMENTOS

*A minha mãe pela sua atenção mesmo que seja longe, e ela estando ao lado do mar, pelo seu apoio incondicional em todos os momentos.*

*A minha família, meu avô, meus amigos do Haiti, minhas irmãs, a ma petite chouchou, Dort!*

*Meus agradecimentos vão para todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu concluísse o Bacharelado em História e finalizasse esse trabalho.*

*A Prof<sup>a</sup> Dra Lucilene Reginaldo pela parceria e orientação atenciosa desse trabalho.*

*A Unicamp e ao Programa Pró-Haiti-Capes pela oportunidade de formação, diálogos e intercâmbio com o Brasil e a Universidade.*

*Aos meus companheiros, amigos haitianos que juntos viemos ao Brasil conquistar os mesmos sonhos.*

*Aos meus colegas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Gabriel Santos, Ana Luisza Fazolli, Maurizio Marchetti, que foram atenciosos e importantes companheiros, que me convidavam para fazer parte dos seus grupos de trabalho, enquanto outros colegas da Graduação se recusavam a trabalhar comigo, pela falta de habilidade na língua portuguesa que eu tinha quando ingressei na Unicamp.*

*A Fernanda Lemos, pelo nosso encontro, pelo companheirismo que nos une e pela alegria de dividirmos nossas conquistas diárias.*

*Ao Haiti, o país que me viu nascer!*

## **RESUMO**

No final do século XVIII, dois anos após da Revolução Francesa de 1789, ocorreu a mais conhecida revolta de escravos sucedida em São Domingos, colônia francesa. Depois de cerca doze anos de lutas, os negros, sob o comando dos seus líderes, Toussaint e Dessalines criaram a primeira República Negra Independente da época moderna. O presente trabalho tem como objetivo, investigar as relações, influências e os impactos da Revolução Haitiana sobre as colônias da América ao longo dos séculos XVIII e XIX, adotando o Brasil como foco.

**Palavras-chave:** Revolução do Haiti, Colônias, Brasil.

## **ABSTRACT**

At the end of the eighteenth century, two years after the 1789 French revolution, the only successful slave revolt occurred in “São Domingos”, the old French colony. After about twelve years of struggles, the blacks, under the command of their leaders Toussaint and Dessalines created the first independent black republic of the modern era. This paper aims to investigate the relationships, the influences and the impacts of the Haitian revolution on the American colonies during the eighteenth and nineteenth centuries, adopting Brazil as a focus.

**Key words:** Haitian Revolution, Colonies, Brazil

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>CAPÍTULO 1. HAITI, COLONIALISMO E INDEPENDÊNCIA</b>	10
1.1- <i>Uma colônia próspera, São Domingos, la Perle des Antilles</i>	10
1.2- <i>Lutas pela Independência: a travessia</i>	11
1.3 - <i>Haiti – Pós - Independência, 1805-1825.</i>	16
<b>CAPÍTULO 2 - O HAITI ESTEVE LÁ</b>	19
2.1. <i>Independência na América Espanhola</i>	19
2.2 – <i>O solo livre haitiano</i>	25
2.3 - <i>Revolta da Jamaica: exemplo da inspiração haitiana no Caribe inglês</i>	26
<b>CAPÍTULO 3 - A REVOLUÇÃO DE SÃO DOMINGOS E A CONJURAÇÃO BAIANA: OS TUMULTOS DE DOIS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS</b>	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
<b>FONTES</b>	44
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	45

## INTRODUÇÃO

Com o desejo dos espanhóis de conquistar o Novo Mundo, em 1492, Cristóvão chegava ao Haiti. A ilha que na época era ocupada por nativos chamados de índios foi batizada de Hispaniola. Entretanto o Tratado de Ryswick de 1697 dividiu a ilha em duas, sendo a parte ocidental, oficialmente dominada pela França<sup>1</sup>, desde então chamada de São Domingos, e a parte oriental sob o controle da Espanha, batizada hoje República Dominicana. Em 1789 a colônia era responsável por mais de 40% da riqueza do comércio exterior da França e produzido a metade do café e do açúcar consumidos no mundo. Esses números explicam a importância da colônia para a França.

De acordo com James (2003) o mundo ocidental não tinha experimentado o progresso econômico durante séculos, e São Domingos não se destacou apenas pela quantidade, mas também pela qualidade. Segundo o autor, se não havia nenhuma parte do mundo que trouxe tanta miséria de um navio negreiro, nenhuma parte do mundo, dada a sua pequena superfície, escondia tanta riqueza quanto à colônia de São Domingos. Para o autor, a escravidão e o tráfico de escravos, foram à base econômica da Revolução Francesa.

Em 1789, dois terços do comércio exterior da França se fizeram com sua colônia caribenha de São Domingo, o que representou o maior mercado de tráfico de escravos europeu. A maior colônia do mundo, orgulho da França e objeto de desejo de todas as outras nações imperialistas, faziam parte integrante da vida econômica de então. Todo este conjunto foi baseado no trabalho de meio milhão de escravos<sup>2</sup> (JAMES, 2003).

Entretanto, logo após a Revolução de 1789, uma grande revolta de escravos ocorreu na ilha de São Domingo, que na época era considerada como a colônia francesa mais próspera de todo o hemisfério. Os escravos entraram em revolta durante cerca de doze anos, e derrotaram todos os senhores brancos e um contingente francês dirigido pelo general Lerlerc.

---

<sup>1</sup> FARRAUDIÈRE, Yvette. **La naissance d'Haïti à la croisée de trois voies révolutionnaires**. Paris. L'Harmattan, 2005, p18.

<sup>2</sup> En 1789, les deux tiers du commerce extérieur de la France se faisaient avec sa colonie antillaise de Saint Domingue, laquelle représentait le plus grand marché de la traite européenne des esclaves. La plus grosse colonie du monde, fierté de la France et objet de convoitise de toutes les autres nations imperialistes, faisait partie intégrante de la vie économique d'alors. Tout cet ensemble reposait sur le labeur d'un demi millions d'esclaves. (Prefácio da primeira edição de os Jacobinos negros de James C.L. R, 1938)

De acordo com James (2003), a situação de guerra deixa a colônia toda devastada, sobre um total de trinta mil brancos que viviam em 1789, sobrou aproximadamente dez mil, os demais foram mortos ou migraram, e todas as plantações foram destruídas. Diante dessa situação de lutas internas e externas, os escravos e libertos sob o comando de Toussaint e de Dessalines conseguiram sair do domínio da França, e proclamou-se a independência da Ilha de São Domingos, o atual Haiti.

A abolição da escravidão na Ilha provocou outros acontecimentos ao seu redor, a partir dessas considerações, este trabalho busca em um contexto atlântico, investigar relações, influências e impactos da Revolução Haitiana sobre outras Colônias da América ao longo dos séculos XVIII e XIX. Considerando a ilha de São Domingos e o Brasil como os dois lugares com o maior fluxo de escravos nos séculos citados, a escolha pelo Brasil justifica-se por ser o último país do continente a abolir a escravidão.

Desse modo elenquei como questões norteadoras desse trabalho as seguintes perguntas: Como os brasileiros receberam a notícia da revolta de escravos sucedida em São Domingo? Quais foram os impactos e as conseqüências da Revolta de escravos de São Domingos, no Brasil?

A partir das questões apresentadas, essa pesquisa busca analisar o processo de transformação histórica ocorrido durante e após a Revolução Haitiana, e a repercussão desta Revolução na América, adotando o Brasil como foco.

Este trabalho será desenvolvido em três capítulos. Busco apresentar um panorama do Haiti, debruçando sobre a emergência da ilha como a maior produtora de açúcar, iniciando no final do século XVII quando oficialmente se tornou colônia francesa. Discutirei ainda o processo de independência de 1791 a 1º de janeiro de 1804 e o Haiti pós-independência. O trabalho também busca discutir, a participação dos líderes haitianos no processo de independência de outros países da América Latina, e será dedicado a apresentar os impactos da Revolução Haitiana no Novo Mundo, com foco no Brasil.

As referencias que orientaram esse trabalho têm origem em um levantamento bibliográfico de autores que estudaram o percurso revolucionário do Haiti, através da grande Revolução de 1791 até a independência, como James (2003), Genovese (1983), Berllergarde (2012) Brière (2008), Schoelcher (1989) Farraudière (2005). Os autores

citados debruçam sobre as relações tanto políticas quanto as comerciais da antiga colônia com a sua metrópole durante o período pós- independência.

O levantamento bibliográfico dessa pesquisa também foi constituído por produções que contribuem para abordar as repercussões da Revolução Haitiana no Mundo atlântico e especificamente dos seus impactos no Brasil, na perspectiva dos autores como, Chalhoub (2003) Mott (1988) Azevedo (2004) Gilroy (2001) Blackburn (2002) Verger (1968), Gorender (1990) Klein (1987), Valim (2007).

## CAPÍTULO 1. HAITI, COLONIALISMO E INDEPENDÊNCIA

A relação entre senhores e escravos, entre colônia e metrópole no Novo Mundo desde no final do século XV até a revolta de escravos de 1791 na parte francesa da ilha de São Domingos, foi marcada por lutas. Obviamente não podemos pensar num equilíbrio de forças entre senhores e escravos, pois durante séculos estes foram tratados como objetos, animais e mercadorias. Mas sim, podemos pensar que houve na consciência de todos negros escravizados nas Américas um sentimento de revolta contra dominação escravista. O poder de dominação tanto físico como simbólico reinava nas colônias, mas também as lutas entre as potências pelas riquezas, pelas conquistas dos territórios foram significativas.

Neste capítulo, busco discutir a transformação da Ilha de Hispaniola para a colônia francesa, a sua emergência como a mais rica das colônias no Novo Mundo, seus habitantes até a revolução de 1791.

### 1.1- Uma colônia próspera, São Domingos, *la Perle des Antilles*

No final do século XVII com o Tratado de Ryswisck, a parte ocidental da Ilha de São Domingos tornou-se oficialmente colônia francesa na América. Na época, a população da parte ocidental era composta de cerca de quinhentos e vinte mil habitantes, divididas em três classes. (Moreau de Saint Mery, 1875), Primeiro, os brancos representavam um total de quarenta mil, sendo que um quarto era considerado como *Créole*<sup>3</sup>, e os demais eram franceses e outros europeus. E em segundo lugar, uma classe intermediária marcadamente miscigenada, são *les afranchis* (gente livre de cor) que correspondiam a um total de vinte e oito mil na década de 1780. A classe mais baixa da hierarquia social era composta de escravos, a maioria oriunda da África, segundo Moreau de St Méry. Eles totalizavam cerca de quatrocentos e cinquenta e dois mil<sup>4</sup>.

Após a assinatura do Tratado de Ryswisck, a colônia se lançava na produção de açúcar, de algodão, de índigo, de café e de rum, alimentando o mercado francês, e o

---

<sup>3</sup> Pessoas nascidas em São Domingos.

<sup>4</sup> MOREAU, de St Méry, Description Topographique Physique, Civile, politique et Historique de la Parte Française de l'Ile de Saint Domingue, 1875, p.6

mercado da Europa. De acordo com Blancpain (2004), a colônia na época produzia a metade de açúcar consumido pelo mundo, e foi reconhecida como a primeira produtora de café do planeta, e se tornando a mais próspera das Antilhas francesas.

James (2003) aponta que em 1754 a colônia ainda tinha cerca de 600 plantações de açúcar e 3379 de índigo, e em 1767, a colônia aumentou as suas produções. Portanto a metrópole francesa beneficiou-se exclusivamente das produções, fazendo da ilha uma colônia de exploração, já que tudo que foi produzido na colônia foi transportada para a metrópole. As produções representaram os principais recursos para a metrópole. As exportações neste período foram significativas, segundo os dados apresentados por James (2003) a colônia exportava cerca de 72 milhões de libras<sup>5</sup> de açúcar bruto, 51 milhões de libras de açúcar refinado e 1 milhão de libras de índigos e cerca de dois milhões de libras de algodões.

Em 1767 o relato de exportações aumenta ainda mais, segundo os dados apresentados por Farraudière (2005), foi possível perceber um aumento nas exportações dos produtos que saíram de São Domingos para os outros portos franceses. Segundo esses dados, as exportações de açúcar custavam cerca de 117 milhões de libras, café de 52 milhões, algodão 17 milhões, e de índigo avaliada em cerca de 10 milhões. O autor ressaltou ainda que, entre 1748 a 1773, o número de navios que saíram de São Domingo em direção dos portos Franceses, como *Nantes, Marseille, le Harve e Bordeaux*<sup>6</sup> aumentaram de 294 para 465. Na descrição do Moreau de Saint Mery da parte ocidental da ilha, o autor destaca que a parte francesa de São Domingo, era de todas as colônias da França no Novo Mundo, a mais importante pela riqueza que produzia para sua metrópole e pela influência da sua agricultura e do seu comércio.

## **1.2- Lutas pela Independência: a travessia**

A travessia atlântica, saindo da África para América, foi um trajeto de difícil percurso para os negros. Muitos dispositivos foram tomados contra toda possibilidade de tentativas de revoltas, o que não significa que elas não ocorreram. Como o tráfico negreiro que se iniciou oficialmente nos anos de 1517, sob a autorização do Rei Charles Quinto, o transporte de negros para o Novo Mundo aumentou de maneira significativa e

---

<sup>5</sup> Libra: Unidade de peso

<sup>6</sup> Cidades importantes em concentração de produtos que saíram de São Domingos

conseqüentemente a quantidade de negros exportados. Já no início do século XVI, o eminente missionário Bartolomé de Las Casas<sup>7</sup> em uma carta propôs de substituir os índios por negros, a entrada dos negros nas plantações, para Las Casas, poderia aumentar as produções. Os dados apresentados por Farraudière (2005, p.23-24) mostram que, antes da Revolução de 1789, existiam na colônia cerca de meio milhão de escravos, e cerca de trinta mil de brancos e uma quantidade de vinte e quatro mil pessoas de cor.

Nos dados apresentados em relação à quantidade de pessoas de cor existindo na colônia, Saint Mery aponta cerca de vinte e oito mil enquanto segundo os dados<sup>8</sup> apresentados por Farraudière (2005) percebemos que este número aumentou muito mais em relação à quantidade apresentadas pelo observador contemporâneo. Tal diferença em relação à quantidade de pessoas de cor na colônia pode ser compreendida pelo fato de que os censos que se realizaram na época não levavam em consideração as pessoas que não podiam apresentar ou comprovar os seus títulos de liberdade.

Em São Domingos, a economia era baseada no trabalho forçado dos escravos, mas quando em 1762-63, após a assinatura do Tratado de Paris<sup>9</sup>, que pôs fim da guerra de sete anos, a relação dos senhores brancos de São Domingos com o governo francês se deteriorou, sendo aqueles obrigados a realizar os seus comércios diretamente na França sem a intermediação da administração colonial, sérios problemas foram impostos à dinâmica econômica. Em decorrência do novo contexto social, no norte da colônia, nas cidades como *Limbé* e *le Cap* onde haviam uma grande concentração de escravos, houve várias tentativas de Revoltas. Porém, somente em agosto de 1791, teve início a maior e mais bem-sucedida revolta de escravos em São Domingos. Nesta ocasião, os negros se uniram por meio de uma cerimônia de vodu dirigido por líder Boukman<sup>10</sup> contra o sistema escravagista na ilha que mais tarde batizaram de Haiti. (JAMES, 2000)

---

<sup>7</sup> Las Casas nasceu em Sevilha na Espanha em 1484, era um dos mais eminentes missionários na América ibérica. Ele é reconhecido pela sua participação na introdução dos negros no trabalho escravo na América. Para mais detalhes ver: Las Casas, Alonso de Sandoval e a defesa da escravidão negra, In Juliana Beatriz Almeida de Souza, 2003.

<sup>8</sup> RAIMON, Julien. Observateur sur l'origine et les progress du prejudice des blancs contre les hommes de couleur, Paris, 1791, p.13.

<sup>9</sup> O tratado de Paris foi assinado em fevereiro de 1763 entre o Reino Unido, França, Portugal e Espanha. Este gerou grandes trocas de territórios entre as potências, em especial na América do Norte e Caraíbas.

<sup>10</sup> Padre vodu, provavelmente nascido escravo na Jamaica.

Esta cerimônia, conhecida na historiografia Haitiana como “*Cerimônia du Bois Caiman*” é considerada por muitos como o primeiro grande movimento registrado de união dos escravos contra o sistema escravocrata na ilha e também é interpretado como o primeiro ato pela independência além da base, e o fundamento espiritual sobre o qual se repousou todo o movimento da revolta. Embora considerado na historiografia como o ato iniciador da revolução haitiana, vários autores divergem em vários pontos a respeito da cerimônia. Em primeiro lugar, em relação à data e local exato onde a cerimônia foi realizada. Mas o mais crítico com estes pontos de vista é o especialista em literatura haitiana, Léon François Hoffman, segundo o qual, cerimônia du bois caiman em si nunca ocorreu. Conforme o especialista é apenas uma ficção construída entre outros, pelos porta-vozes da elite haitiana do século XX, a fim de evidenciar sua distancia cultural existindo com as massas<sup>11</sup>. Portanto, mesmo considerando a controvertida ideia do Hoffman, a cerimônia *du bois caiman* de agosto de 1791 deixa muito a questionar por falta da existência de documentos manuscritos ou testemunhos produzidos na época.

De acordo com os apontamentos do Geggus<sup>12</sup>, há cerca de três documentos, provavelmente produzidos com base nos testemunhos oculares que poderiam de fato comprovar a existência da cerimônia. Sendo o mais antigo foi escrito por Dalmas<sup>13</sup>, pouco após do início da revolução em 1793-94, embora publicado somente em 1814. O texto “*Voyage dans le nord d’Haiti*” do senador Haitiano, Hérard Dumesle, publicado em 1824, cerca de trinta anos depois dos acontecimentos, e por último o texto de Céligny Ardouin publicado em 1840. (GEGGUS, 1991).

Enquanto a Revolução estava se propagando no Norte, Jean François e Biassou, líderes negros e escravos apoiados pelos os espanhóis, entravam em guerra com os proprietários franceses com a promessa destes de libertar todos os escravos. De acordo com Schoelcher (1989 c1982), no final de 1791 foram enviados pelo Rei Luis XVI, para a colônia três comissários<sup>14</sup> com a missão de restabelecer a ordem. Em 1793 após a morte do Rei, a luta contra o sistema escravista em São Domingos aumentou, a guerra

---

<sup>11</sup> GEGGUS, David. La Cérémonie Du Bois Caiman, In HURBON, Laennec. L’insurrection des esclaves de Saint Domingue, Karthala, 2000, p.150-151

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> Antoine Dalmas foi um colono francês, na época da revolução, ele morava na colônia especialmente no Norte. Sua narrativa provavelmente é baseada no testemunho de escravos entrevistados dias após a cerimônia.

<sup>14</sup> Comissários são geralmente homens que o Rei da França na época enviou para aplicar a sua política. Nos livros escritos em Francês, a palavra comissários é traduzida como Commissaires.

entre a Inglaterra e Espanha possibilitou a entrada em cena de Toussaaint Louverture. Um dos mais importantes protagonistas da Revolução Haitiana, nasceu de uma família escrava ao norte de São Domingos em 1743. Foi um homem de caráter, seu heroísmo é incomparável e a sua capacidade de reflexão foi notável, Lamartine, autor contemporâneo, resume Toussaint como uma Nação.

Com uma tropa de 600 homens, Toussaint mostra sua preocupação para a libertação dos negros, se apresentando como aliado dos espanhóis no objetivo de conquistar a França, que representava para ele o inimigo da liberdade. Declarando que os negros desejavam um Rei e que eles deporiam suas armas apenas quando ele fosse reconhecido. Mas o seu projeto foi rejeitado, e em 29 de agosto, ele convocou todos os negros.

Irmãos e amigos. Eu Toussaint L'ouverture. Meu nome talvez vos seja conhecido. Estou encarregado da Vingança. Desejo que a Liberdade e a Igualdade reinem em São Domingos. Trabalho para trazê-las a vida. Uni-vos a nós, irmãos, e lutai conosco pela mesma causa. (JAMES, 2000, p.126)

O papel de Toussaint modificou todas as relações de poder na colônia, mas provocou à inveja de outros líderes, Jean-François e Biassou, que fomentaram uma maquinação da qual Toussaint escapou, e sendo convencido finalmente que os espanhóis não queriam a Abolição.

Sob pressão dos movimentos, as autoridades francesas, os comissários da República Francesa, Leger-Felicite Sonthonax e Polverel, ao chegarem a São Domingos em setembro de 1792 proclamavam a garantia dos direitos das pessoas de cor. Nesse contexto a ilha foi invadida pela Marinha britânica e pelas tropas espanholas, as quais muitos monarquistas brancos se juntaram. E em 29 de agosto 1793, no mesmo dia da proclamação de Toussaint, Sonthonax proclamou a emancipação dos escravos.

Através do governador Etienne Laveaux, os comissários tentaram convencer Toussaint a se juntar à República Francesa, mas só foi possível em 05 de maio de 1794. De acordo com James (2000), logo após Toussaint combateu os espanhóis na fronteira oriental da ilha e derrotou as tropas e lideranças que haviam permanecido fiel aos ibéricos. Em 1796, após uma revolta no norte da ilha, Toussaint foi nomeado governador geral. E em 1801 ele capturou a parte espanhola da ilha e se proclamou

governador geral em 08 de julho do mesmo ano, com o direito de nomear o seu sucessor, e administrar da colônia.

No entanto em Paris, o Primeiro cônsul Bonaparte não aceitou as ambições autonomistas de Toussaint Louverture. Em uma carta enviada ao cônsul, o líder negro Toussaint mostrou o seu poder afirmando como o primeiro dos negros. “Do Primeiro dos Negros ao Primeiro dos Brancos”, como consequência desta “afronta”, o cônsul Bonaparte enviou uma tropa para restabelecer ordem na colônia sob o comando do seu irmão Leclerc. A maior preocupação do Bonaparte era o risco de perder a colônia, aliada a vontade dos proprietários de restabelecer a escravidão. (SCHOELCHER, 1989, c1989)

Em 07 de junho de 1802, Toussaint foi convocado para uma reunião com o comandante Brunet. Ele foi apreendido, acorrentado e jogado com sua família em uma fragata que o levou para França. A capacidade do ex-escravo Toussaint fez dele um ator que não se podia controlar no cenário político. Ele sempre lutou pela liberdade de São Domingos e pelas suas ambições políticas, e ele o fez até sua retirada da colônia, como apresentado no relato a seguir: “Ao me derrubarem, vós cortastes apenas o tronco da árvore da liberdade; ela brotará novamente de suas raízes, pois são muitas e profundas”. (SCHOELCHER, 1989, c1989)

A captura de Toussaint provoca o descontentamento da população, e a questão da escravidão modificou a situação na colônia. O clima se deteriorou em relação aos franceses, enquanto os líderes Pétion e Laveaux se juntaram ao lado de Dessalines e de Christophe para criar na cidade de Arcahaie<sup>15</sup> a primeira bandeira do país em 1803, sendo Dessalines eleito comandante geral.

Após a morte de Leclerc, em 1802, o comandante Rochambeau dirigia as tropas francesas em São Domingo, com o objetivo de restabelecer a escravidão, mas suas tentativas não tiveram sucesso. Em 18 de Novembro de 1803, Dessalines, que dirigiu as tropas insurgentes, venceu a batalha de Vertières<sup>16</sup>, e Rochambeau foi obrigado a deixar a ilha. (DORIGNY, 2004)

Em 1 de Janeiro de 1804, Dessalines em Gonaives, proclamou a Independência do Haiti, o primeiro Estado negro independente da época moderna.

---

<sup>15</sup> é uma cidade do Haiti, situada no departamento de Oeste e no *arrondissement* de Arcahaie.

<sup>16</sup> Cidade localizada no norte do Haiti, onde aconteceu a última batalha pela independência.

Esta Revolução, na perspectiva de Hurbon (2007), pode ser compreendida a partir de três pontos. Segundo autor, é uma revolução anti-racista, no sentido que, os negros eram considerados como inferiores, pois a ideologia da época fazia do negro um ser incapaz de se beneficiar dos mesmos direitos que todos os brancos. A revolução é uma demonstração das capacidades dos negros para lutar pela liberdade, que sempre teve um grande valor. Para autor, a hierarquia racial sobre a qual era fundado o sistema escravagista foi desafiada e também destaca que, a Revolução é anti-colonialista, no sentido que quando da Proclamação da Independência em 1804, o nome nativo Ayiti, foi reivindicado pelos revolucionários e foi proibido aos franceses possuir bens. A nacionalidade haitiana foi atribuída aos soldados poloneses da expedição de Napoleão, que se juntaram ao lado dos líderes e soldados haitianos. Em seguida, o autor aponta, que é uma Revolução anti-escravagista, no sentido que o processo revolucionário começou a partir da insurreição geral dos escravos; muitas revoltas tinham ocorrido anteriormente, mas a de 1791, que representa a primeira revolta de escravos vitoriosa, e que levou a criação de um estado independente.

De acordo com este autor, a primeira Constituição de 1805 afirma que qualquer escravo que tocasse o chão do Haiti seria automaticamente livre. Em meio a um ambiente hostil, já que todos os outros países do Caribe estavam ainda no início do século XIX, sob o jugo da escravidão, os primeiros chefes de Estado incluindo o primeiro, Toussaint Louverture, governador de Santo Domingos, com a Constituição de 1801 demonstram que a independência é baseada na recusa sistemática da instituição da escravidão.

### **1.3 -Haiti – Pós - Independência, 1805-1825.**

Dias após a Proclamação da Independência da nova nação, o primeiro chefe do Estado Haitiano, Jean Jacques Dessalines, recebeu o título de governador permanente, sendo proclamado imperador em setembro de 1804, sob o nome de Jacques 1º. Logo depois criou a constituição imperial de 1805, da qual dedicou todo o poder ao imperador, inspirado do modelo colonial. (MOISE, 2009).

Todavia, foi somente em 1805 que a Ilha foi completamente liberada das tropas francesas, quando Dessalines, conhecido como o pai da pátria, ordenou o massacre de

todos os brancos, exceto dos padres, das crianças e das mulheres. A posição de Dessalines de evitar o massacre das mulheres, das crianças e dos padres poderia ser entendida por várias razões. Primeiro, o imperador Dessalines ao dedicar na constituição imperial de 1805, o privilegio nacionalidade haitiana à todas as crianças de mãe brancas nascidas no território, mostrou a sua preocupação em relação às proteções que deviam ser dadas a esta categoria. Enquanto isso, essa constituição proibiu todos os brancos do país sem exceção de possuir bens no território nacional. Em seguida, o fato de os padres terem a proteção do imperador, poderia ser compreendido pela sua relação com a religião católica como antigo escravo, sendo que esta era a única religião aceita no período escravagista.

Depois da morte do imperador Dessalines em 17 de outubro em 1806, a situação complicou-se, elevando o país a confrontar-se com várias crises internas, assim, os companheiros de Dessalines que lutaram pela independência brigavam pelo comando da nova nação. Dois ex-líderes da revolução, o negro Henry Christophe e o mulato Pétion usavam vários mecanismos para acessar o poder. Esta situação causou a divisão do país, com Christophe no Norte representava o poder dos negros, e Pétion apoiado pelos mestiços em Port-au-Prince. Apesar da situação complexa da existência de dois governos dentro de um único país, vale ressaltar várias realizações importantes, tanto pelo reino de Christophe quanto pela presidência de Pétion.

De acordo com Bellegarde, (2012), o Rei Jacques 1º, no objetivo de proteger a nova nação contra toda tentativa de retorno dos Franceses, construiu várias bases militares, como o palácio de *San Souci*, o palácio de 365 portas localizado no departamento de Artibonite e o fenomenal *Citadelle laferrière* localizado no Norte que é considerado com a maior fortaleza das Américas, sendo hoje um patrimônio importante no setor cultural do país.

Entre os períodos de 1805 até 1820, o país teve cinco constituições<sup>17</sup>. Nesse sentido Christophe, que brigava pelo comando do poder contra o Pétion, publicou a sua *charte* de 1807 e a lei de 1811, pela qual consagrava todo seu poder no reino do Norte. Enquanto no Sul, Pétion votou a sua constituição de 1816, instaurando uma república autoritária. De acordo com MOISE, (2009) pude perceber que a instauração do regime

---

<sup>17</sup> MOISE, Claude. Création de l'État haïtien-Constitutions: continuités et ruptures IN Génèse de l'État haïtien, 1804-1859. Direção de Michel Hector, Laënnec Hurbon. Paris: La Maison des sciences de l'homme, c2009

autoritário estabelece a preeminência do *chef de L'ETAT* e institui a presidência vitalícia. Com o mandato prorrogado, o presidente Pétion, entre outras coisas, promoveu a distribuição de terras a alguns soldados que lutaram pela independência.

Após a morte de Pétion, em 1818, e o suicídio do rei Christophe, dois anos depois, a nova nação dividida conheceu um novo presidente. Nesta época, a parte oriental da ilha, que estava ainda sob a dominação da Espanha, se revoltou contra os representantes Espanhóis em 1821. Logo depois, em fevereiro de 1822, o presidente Boyer conseguiu unir as duas partes divididas entre Christophe e Pétion, estendendo o seu poder a parte oriental da ilha, unificada a partir de então. O presidente Boyer dirigiu a ilha unificada durante um período de vinte e um anos. Este ato é considerado como a mais importante realização do Boyer, pois durante a sua longa presidência, ele entrou em conflito com o parlamento, e o seu código rural, publicado em 1826, foi questionado pela oposição e pelos agricultores. (BELLEGARDE, 2012)

Apesar disso, presidente Boyer, também teve de lidar com o governo francês, que nunca digeriu a derrota do exército Leclerc, e especialmente com o massacre dos brancos por Jacques Dessalines. De acordo com Bellegarde (2012) o presidente Boyer depois de várias tentativas, foi forçado a assinar a ordenança do Rei Charles X. Por meio deste documento, a França reconhece a independência da colônia em troca de uma “dívida” não contratada de 150 milhões de francos-ouros, que mais tarde foi reduzido para 90 milhões.

## CAPÍTULO 2 - O HAITI ESTEVE LÁ

No final do século XVIII e no começo do XIX, após a Abolição da escravidão na antiga colônia francesa, e, sobretudo depois da Independência do Haiti, os líderes haitianos Dessalines e Pétion interviram nos processos de Independências de outras colônias. Segundo Fontella e Medeiros (2007), os líderes negros participaram em várias lutas pela libertação de colônias europeias na América. O Haiti representava um espaço de liberdade para todos os escravos, tanto de fora quanto de dentro do continente. Debater sobre esses processos, tal seria o objetivo deste capítulo.

### 2.1. Independência na América Espanhola

A Revolução Haitiana de 1791-1804 abalou o sistema escravagista estabelecido na época, e marcou uma ruptura no modo de produção capitalista baseado no trabalho forçado de escravos. A sua contribuição para a história da escravidão no debate historiográfico permanece um assunto muito controverso, não há um consenso, a saber, se ela foi um dos elementos provocadores do processo de abolição da escravocrata no mundo atlântico no século XIX.

Para alguns pesquisadores, como Rose-Mie (2003) e Ferrer (2012) a Revolução teve um impacto complexo e variado na cena internacional em razão das ambigüidades e contradições que apresenta na sua influência<sup>18</sup>. Para Ferrer<sup>19</sup>, a revolução teve um impacto de duplo efeito. Segundo autora, o medo causado pela Revolução do Haiti ajudou a acabar com o comércio de escravos nos Estados Unidos, enquanto em Cuba a revolução levou a um aumento do tráfico negreiro.

Fontella e Medeiros (2007) afirmam que o processo de independência na América Latina iniciou-se com a Revolução do Haiti<sup>20</sup>, sendo o início do processo que liberou os países latinos das metrópoles européias.

A grande Revolução marcou o momento decisivo na história das revoltas de escravos no Novo Mundo [...] a Revolução de São

---

<sup>18</sup> Léonard Rose-Mie. L'indépendance d'Haïti perceptions aux États-Unis, 1804-1864. In: *Outre-mers*, tome 90, n°340-341, 2e semestre 2003. Haïti Première République Noire. pp. 207-225.

<sup>19</sup> FERRER, Ada. "A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana" *Almanakr Guarulhos*, n.3(2012), PP.37-53

<sup>20</sup> Leandro Goya Fontella2 e Elisabeth Weber Medeiros, *REVOLUÇÃO HAITIANA: O MEDO NEGRO ASSOMBRA A AMÉRICA*, Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 59-70, 2007.

Domingos impulsionou uma revolução na consciência dos negros em todo o Novo Mundo [...] não se deve minimizar o impacto exercido pelo Haiti sobre os abolicionistas negros. Durante o século XIX, sobretudo entre 1840-1860, muitos líderes estabeleceram contato com o Haiti [...] e encorajaram com a experiência que se deu lá. (GENOVESE, 1983, p.90-97)

De acordo com Brière (2008), e Blackburn (2002) a revolução haitiana pode ser compreendida como uma das causas da descolonização da América do Sul, pelo fato de que os líderes haitianos pós-independências terem ajudado líderes sul americanos como Simon Bolívar, e Francisco Miranda, nas lutas contra o império espanhol. Na perspectiva destes autores, o líder haitiano Jean Dessalines, o primeiro *chef d'Etat* do país, ofereceu ajuda em armas e tropas para o líder Venezuelano Miranda em rebeldia contra a metrópole Espanhola em 1806.

De outro lado, o presidente Alexandre Pétion que também participou na luta pela independência haitiana ajudou o líder Simon Bolívar, e o mexicano Francisco Mina em 1816. Com efeito, Petion ofereceu soldados, armamentos e munições em troca da promessa com Bolívar que se prontificou a tomar as medidas necessárias, com objetivo de erradicar a escravidão no território que ele tivesse alcance.

Apoiado pelo Haiti em 1815-1816, Bolívar conseguiu vencer a sua luta contra a colonização espanhola e o ataque a escravidão na América do Sul. A partir dessas ajudas, o processo de descolonização começou a se fortalecer e os países da zona aproveitaram para sair da dominação européia. Em 1821 o líder Bolívar, convenceu o Congresso de Cúcuta a adotar medidas de emancipações graduais, que se aplicam em toda Colômbia afetando cerca de 80.000 escravos. Tal fato obrigou várias repúblicas hispano-americanas a acabar com o comércio de escravos e adotar medidas de emancipação gradual.

Podendo destacar, Venezuela, Colômbia e Peru, que tinham adotado medidas de emancipação gradual, na seqüência das ações de Bolívar, pacificamente aboliram a escravidão na década de 1850<sup>21</sup>.

O debate sobre a Revolução Haitiana na historiografia tem sido muito controverso, se, por um lado os impactos da revolução influenciaram as revoltas e o processo de independência de vários países no Novo Mundo, por outro lado, a

---

<sup>21</sup> GROU, Élizabéth. Débats contemporains dans l'historiographie de la Révolution haitienne. Canadá, 2013.

independência proclamada em 1º de janeiro de 1804 fez do país uma nação isolada na cena internacional. Como explicar o isolamento do Haiti na cena internacional pelas potências ocidentais após a proclamação de independência?

Nos Estados Unidos, país onde teve um fluxo significativo de escravos<sup>22</sup>, o Haiti independente representava uma grande ameaça. Dias após a Proclamação da Independência, o Haiti precisava que outros países reconhecessem a sua nova conquista. Assim, Jean Jacques Dessalines aplicou a concepção política exterior de Toussaint Louverture, especificamente como o norte americano até no começo de 1806.

Porém no mesmo ano, o congresso americano proibiu toda relação comercial do seu governo com o Haiti. De acordo como Rose - Mie (2003) e Brière (2008) uma das mais importantes causas da interrupção que ocorreu no comércio entre o Haiti e Estados Unidos foi feita sob a influência da França, no seu projeto de isolamento e não reconhecimento da independência da antiga colônia.

Neste contexto diplomático complexo, a pressão da França sob os Estados Unidos, a partir dos anos 1805-1810, era constante. Determinado a manter o Haiti no isolamento diplomático, em primeiro lugar, a França protestou contra o armamento de navios americanos para o Haiti. Em segundo lugar, a França pediu aos Estados Unidos para romper suas relações comerciais com o Haiti. Em uma carta enviada ao secretário de Estado dos Estados Unidos Madison, *le chargé d'affaires* francês pedindo-lhe para considerar o Haiti como uma colônia francesa em rebelião contra a sua pátria. (ROSE-MIE 2003, p.212) (tradução nossa)

O papel da França no jogo de isolamento da sua antiga colônia foi duplo. Apesar de que a sua influência levou um bloqueio no comércio haitiano-americano, a sua relação com a antiga colônia foi muito tensa. Desde a Proclamação da Independência do Haiti até 1825, a França pressionou o novo estado e não reconheceu este ato unilateral, e as suas relações, sobretudo as comerciais foram suspensas. O ditador Napoleão, quando já era tarde de mais, lamentou a perda da colônia “tenho de me censurar, pela tentativa feita junto à colônia durante meu consulado. A intenção de fazê-la render-se pela força foi um grande erro. Devia ter ficado contente em governá-la por intermediário de Toussaint.” (GENOVESE, 1983, p.94).

---

<sup>22</sup> GENOVESE Eugene D. Da rebelião a revolução. São Paulo, SP: Global, 1983, p.35.

Para o estado Haitiano, a Metrópole francesa representava uma potência indesejável, portanto nenhum navio francês foi autorizado a entrar nos portos do país durante este período. Na França, a Independência do Haiti não foi aceita, especialmente por antigos proprietários, armadores, comerciantes de Bordeaux, Nantes ou de Rochelle, que sofreram enormes prejuízos durante o período revolucionário, e mais especialmente por todos aqueles que de uma forma ou de outra, viveram no comércio da colônia.

Diante de tal situação, Itazienne (2003) considerou que os proprietários queriam a restauração do antigo regime através de uma reconquista colonial, a fim de recuperar as suas propriedades e escravos, no entanto os comerciantes ao contrário exigiram o reconhecimento da independência da nova nação com objetivo de recomeçar as relações comerciais.

De fato, o estatuto Internacional do Haiti continuava sendo precário ainda no início do século XIX, o reconhecimento oficial como um país soberano dependia da vontade da França desde no Tratado de Viena 1815. Diante deste fato, a situação apresentada foi complexa para a nova nação, aliás, a relação comercial com os outros países não funcionava mais, e a nova nação temia uma invasão do lado dos franceses. Em 1825 ainda sobre o governo do presidente Boyer, Haiti foi forçado a pagar uma “dívida”, de 150 milhões de *francos ouros*, equivalente ao orçamento anual do estado francês da época<sup>23</sup>, pelo reconhecimento da independência que ganhara na luta. Sendo o segundo artigo da disposição real, estipulou:

Os habitantes atuais da parte francesa de São Domingos pagaram para o fundo geral dos depósitos e consignações da França, em cinco parcelas, ano após ano, o primeiro aplicável em 31 de dezembro de 1825, o valor de 150 milhões de francos, destinadas para pagar os antigos colonos que reclamaram uma indenização.<sup>24</sup> (BRIÈRE, 2008, p.111-112) (tradução nossa).

Foi possível perceber que, enquanto era sedimentado o isolamento do Haiti pelas principais potências países da época, inclusive os Estados Unidos e

---

<sup>23</sup> BRIÈRE, Jean-François. Haiti et la France, 1804-1848: le rêve brisé. Paris: Karthala, c2008,p.125

<sup>24</sup> Les habitants actuels de la partie française de Saint Domingue verseront à la caisse général des dépôts et consignations de France,em cinq termes égaux,d'année em année,le premier écheant au 31 décembre 1825, la somme de 150 millions de francs , destinée à dédommager les anciens colons qui réclameront une indemnité.

a metrópole francesa, como apresentado no decorrer do texto, os líderes haitianos apoiavam abertamente os líderes sul-americanos.

Para Fontella e Medeiros<sup>25</sup>, o medo causado pela Revolução Haitiana se espalhou por toda a América Latina e influenciou todo o processo de independência das primeiras colônias da zona. Segundo os autores citados, o exemplo do Haiti obrigou as elites coloniais a conduzir as colônias à independência, evitando todo risco de um novo Haiti.

[...] o processo de independência das principais colônias da América Latina caracterizou-se pelo conservadorismo das elites coloniais, e isso se deve ao medo de que esses grupos sociais tinham de que a experiência haitiana viesse a repetir-se em seus territórios. Não obstante, o processo histórico do Haiti, carregado de suas especificidades, veio a evidenciar que a ausência de um sistema econômico integrado, que deixou o país alheio ao mercado mundial, e a pouca maturidade política e democrática das instituições de Estado foram dois elementos fundamentais, que tornaram a crise política, econômica e social uma endemia da civilização haitiana. [...] (FONTELLA e MEDEIROS, 2007, p.70).

Agora podemos compreender por que houve grande participação dos líderes negros no processo de independência latino americano. A República do Haiti assumiu um papel importante na América Latina, não apenas porque é o primeiro da zona independente, mas também pela importância da sua revolução.

Genovese (1983) relatou que ao longo do século XIX muitos outros líderes estabeleceram contato com a nova nação independente, pois o Haiti era considerado como referência. Mott (1998) ressaltou que no Rio de Janeiro em 1805 após a coroação de Dessalines como imperador, os homens de cor, os negros livres usavam em torno de seus pescoços medalhas a efígie do líder negro. Segundo o autor, estes negros estavam empregados nas tropas da Milícia do Rio de Janeiro e manobravam com facilidade a artilharia. Tal aspecto pode explicar a circulação das imagens dos heróis haitianos que usavam os negros do Brasil pouco após a independência em 1808.

---

<sup>25</sup> Leandro Goya Fontella e Elisabeth Weber Medeiros, *Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, p. 59-70, 2007.

Rose-Mie (2003) afirmou que em Cuba, no ano de 1812 o negro livre nomeado José Antônio Aponte, tomou a liderança de uma revolta de escravos e garantiu que teria a ajuda dos soldados haitianos. Segundo o autor, este jovem negro usava em torno do seu corpo as imagens de Toussaint Louverture, de Dessalines e de Christophe. Em 1836, em Cuba os funcionários descobriram que um chapéu de plumas representando líderes do Estado haitiano havia substituído a coroa real, símbolo da monarquia espanhola. E, ainda em Cuba alguns anos mais tarde, em 1843, o nome do Haiti foi citado como uma referência pelos conspiradores de uma Revolta de escravos.

A Revolução Haitiana havia criado várias preocupações aos países ocidentais, e o Haiti foi considerado com um país perigoso, capaz de influenciar outras colônias. As relações comerciais entre o Haiti e os países europeus eram muito difíceis, se não inexistentes. O isolamento do Haiti não foi apenas ao contexto geopolítico e econômico, mas também ideológico e intelectual. Esta Revolução de negros, a primeira revolta de escravos vitoriosa na história foi ocultada pela burguesia francesa. Dentro dessa perspectiva Hoffman (1995, p.21) afirma que:

É em São Domingos que aconteceu a primeira e única revolta de escravos [...] e que fundou em 1804 o primeiro país independente do Novo Mundo depois dos Estados Unidos (1776). Apesar de envio na colônia, em 1802, pelo Cônsul Bonaparte, de um corpo expedicionário com a missão de restaurar a escravidão, o exército sofreria, no ano seguinte, sua primeira grande derrota: os raros que sobreviveram do corpo expedicionário reembarcaram após deixar 40.000 soldados no terreno (fato histórico sistematicamente oculto aos franceses até hoje, estudante e criança em idade escolar). Os haitianos foram os únicos povos do Caribe a conquistar a independência pela força das armas e sem ajudas externas<sup>26</sup>. (Tradução nossa)

---

<sup>26</sup>C'est à Saint-Domingue que réussit la seule révolte d'esclaves de l'histoire de l'humanité, et que fut fondé en 1804 le premier pays indé-pendant du Nouveau Monde après les États-Unis (1776). Cela malgré l'envoi dans la colonie, en 1802, par le Premier Consul Bonaparte, d'un corps expéditionnaire ayant mission d'y rétablir l'autorité de la métropole ainsi que la traite des Noirs et l'esclavage. Une armée napoléonienne connut l'année suivante sa première déroute: les rares sur-vivants du corps expéditionnaire rembarquèrent après avoir laissé 40 000 hommes sur le terrain (fait historique systématiquement oc-culté, de nos jours encore, aux écoliers et étudiants français). Les Hai-tiens ont été les seuls Antillais à arracher l'indépendance par la force des armes, et sans aide étrangère.

No dia 1º de janeiro de 1804, o Haiti entrou na história como a primeira República negra, seus escravos e os seus libertos caçavam os proprietários da colônia francesa a mais próspera da América. Lutando por suas liberdades, os haitianos têm abalado a instituição da escravidão na época e emancipou a liberdade em toda América.

## 2.2 – O solo livre haitiano

Após a Proclamação da Independência em 1804, a antiga colônia francesa se libertou da dominação colonial, e tornou-se um exemplo de inspiração para várias outras colônias tanto no Caribe, como nas Américas. Assim, o período seguinte desta revolução até a metade do século XIX, o Haiti era na época o único território nas Américas, onde não existia mais escravidão. Sendo assim, o solo haitiano representava tanto para os escravos fora do continente como os de dentro, um lugar de liberdade.

Ao longo do século XIX, muitos africanos foram escravizados e forçados a deixar as suas terras natais embarcar para as Américas. Nesta época, durante os anos de 1840-1845, o africano conhecido como Baquaqua, foi escravizado, e conduzido ao Porto do Borgou<sup>27</sup> antes de ser transportado para as Américas. A migração forçada de Baquaqua para o continente americano se encaixava na exploração, transportação de africanos, mas também se revelou de uma busca pela liberdade. Logo, depois da sua chegada para o Brasil, lugar que representava na época quase “*un passage obligé*”, para a maioria de escravos que veio do continente africano, o percurso do jovem escravo foi registrado no estado de Nova York, nos Estados Unidos, depois de ser vendido por os donos de escravos no Sul do Brasil, especificamente nos estados do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

A viagem de Baquaqua para o Norte americano iniciou-se com a sua luta pela liberdade, explicam-se pelas as suas tentativas de fuga registradas durante a longa viagem, e pelo seu conhecimento pré-concebido, de que a sua chegada à cidade de Nova York, podia fazer dele um homem livre. Porém, a permanência de Baquaqua nos Estados Unidos foi algo controverso que o levou a prisão. Nesta época a situação escravista em toda a América era quase semelhante, com diferença em algumas colônias francesas. Pois depois da Abolição da escravidão pela segunda República francesa em abril de 1848 nas suas ilhas da América e da África, podiam se considerar livres negros

---

<sup>27</sup> Localizado no interior da África ocidental, Borgu foi um país na África. Encontra-se no que é agora a Nigéria e a República do Benin.

ou africanos existentes nesses territórios. Sendo assim, a vontade do jovem escravo de se tornar livre ainda era um sonho, mas, algumas semanas depois, Baquaqua foi visto no Haiti, país onde a escravidão não existia mais já desde no início do século XIX.

No entanto, a sua chegada ao solo livre haitiano, Baquaqua tinha vivenciado uma realidade dupla, a liberdade lhe pertencia no território, porém devido à situação política existente na época que era muito tumultuada, a sua permanência durou apenas dois anos. Segundo Lovejoy<sup>28</sup>, a permanência de Baquaqua no Haiti, depois de quase cinquenta anos após a Abolição da escravidão neste território, era algo inesperado pelo jovem escravo. Apesar da sua falta de habilidade na língua crioula, havia uma forte possibilidade de que Baquaqua fosse recrutado para a força armada do país, isto é, durante este período, sobre a presidência do Fautin Soulouque, que reivindicava ser libertador do território vizinho, a parte Este da Ilha.

Diante de tal conjuntura, o Baquaqua já liberto, retornou à Nova York onde estudou, permaneceu por quatro anos, e conheceu os abolicionistas da rede Missão batista livre da cidade, antes de viajar para o Canadá em 1854. Os objetivos de Baquaqua podem ser compreendidos, primeiro pela sua ambição de voltar para a sua terra natal, e de se tornar um homem livre, tais preocupações o levou para vários lugares nas Américas. De acordo com Lovejoy (2002) há dúvida sobre o futuro do jovem em relação a sua volta para a África, pois logo depois da viagem para o Canadá, Baquaqua foi encontrado na Inglaterra, as suas tentativas de voltar para a sua terra natal com as Missões e as associações missionárias foram rejeitadas.

### **2.3- Revolta da Jamaica: exemplo da inspiração haitiana no Caribe inglês**

As revoltas de escravos negros no mundo moderno possuíram caráter especial e significados históricos diferentes, pois ocorreram no contexto de um modo de produção capitalista que se dava em escala mundial. No final do século XVIII, o conteúdo histórico das revoltas de escravos mudou radicalmente de configuração, deixando de lado as tentativas de assegurar a liberdade, para chegar às tentativas de eliminar a escravidão como sistema colonial. (GENOVESE, 1983, p.26) os escravos eram a força e

---

<sup>28</sup> LOVEJOY, Paul E. IDENTIDADE E A MIRAGEM DA ETNICIDADE A JORNADA DE MAHOMMAH GARDÓ BAQUAQUA PARA AS AMÉRICAS. Revista Afro-Asia, 2002, p.27.

a energia deste mundo ocidental, a escravidão negra exigia o tráfico de escravos negros, afirmou Williams, (2012).

A configuração da sociedade mundial colonial após a abolição de escravidão e a proclamação de independência do Haiti, mudou completamente. No final do século XVIII e no início do século XIX, os proprietários de escravos, com preocupações dos acontecimentos da antiga colônia francesa, fugiram para os territórios vizinhos, como Cuba e a Jamaica, levando algumas das suas propriedades para continuar a exploração e enriquecer as fazendas. As repercussões da revolução haitiana no Caribe inglês tiveram efeitos distintos, isto é, durante os anos precedentes da revolução de 1831, a produção de açúcar e de café aumentaram em algumas colônias inglesas, porém, na Jamaica, umas das mais importantes das colônias inglesas do Caribe, a produção diminuiu visivelmente. (WILLIAMS, 2012, p.211), com efeito, isso pode ser compreendido pela grande preocupação dos proprietários dos acontecidos no território haitiano. Segundo Williams (2012) quando aconteceu em São Domingos a revolução de 1791, a metrópole francesa foi derrotada, isso foi o fim do comércio açucareiro francês no Caribe, mas tal aspecto não ajudou de fato a Inglaterra na expansão das suas colônias, pois o Cuba se adiantou para ocupar o espaço da antiga colônia francesa.

A Revolta de 1831 na Jamaica se encaixa na linha de várias outras revoltas que ocorreram nas colônias de fala inglesa, tanto no Caribe quanto no Norte americano, ao longo dos séculos XVIII e XIX. Embora tivesse alguns traços diferentes, como apontou Genovese<sup>29</sup>, a Jamaica foi a colônia inglesa que mais foi afetada pela repercussão da Revolução de São Domingos.

A Revolta Batista, também conhecida como a Rebelião de Natal, ou a grande Revolta de escravos na Jamaica, que ocorreu durante o período de 1831-1832, foi uma rebelião que, de fato durou poucos dias, mas que mobilizou cerca de 300 mil escravos, liderada pelo pregador batista, Samuel Sharpe<sup>30</sup> e, seus aliados. Os missionários foram avisados dos movimentos abolicionistas em Londres, assim, os negros exigindo mais liberdade e um salário correspondente à metade da taxa do salário vigente, e o pregador ameaçou que não voltaria a trabalhar até que suas exigências fossem atingidas por

---

<sup>29</sup> GENOVESE Eugene D. Da rebelião a revolução. São Paulo, SP: Global, 1983, p.26-27.

<sup>30</sup> Samuel Sharpe era um escravo sacerdote, muito educado. Ele seguiu o movimento abolicionista americano através jornais estrangeiros. E liderou a maior rebelião de escravos na história da Jamaica em 1831.

fazendeiros. Dada à recusa de suas demandas, surgiu uma greve que alguns dias depois, tornou-se uma rebelião completa. Trata-se da maior Revolta de escravos do Caribe inglês, mobilizando o maior número entre 60.000 e 300.000 escravos na Jamaica.

A Revolta de 1831 não deve ser reduzida apenas a uma luta de escravos contra o domínio britânico, é sim, um verdadeiro desejo de independência e uma demanda da população escrava jamaicana compreende-se como as causas pertinentes dessa revolta. Durante e até mesmo depois da Revolução em São Domingos, muitos refugiados franceses foram recebidos na Jamaica e aumentaram a possibilidade de criar um novo Haiti, assim às autoridades na colônia inglesa tentaram determinar quem entre os refugiados eram de tendência monarquista e quem eram defensores do inimigo republicano.

Após o início da guerra contra a República Francesa, foi relatado a partir de Londres, que extrema vigilância estava contra jacobinos que podem ter se misturado com os refugiados das ilhas francesas. Na Jamaica a preocupação causada pela chegada de negros franceses foi associada com a chegada dos refugiados e seus escravos de São Domingos. Em setembro de 1791, antes mesmo que os refugiados de São Domingos chegassem ao território vizinho, o governador, da cidade Kingston, escreveu a Londres, anunciando que ele não iria deixar passar nenhum escravo com o objetivo de evitar que entre em contacto com a população de cor local, em exceção das mulheres e crianças.

No ano seguinte, a Assembleia autorizou o governador a proibir a aquisição ou a utilização de escravos de outras regiões do Caribe depois de 23 de agosto do mesmo ano, sob a pena de uma multa de trezentos livres. Em dezembro de 1793, diante de uma ameaça de rebelião, foi decidido que qualquer negro estrangeiro suspeito de incitar uma revolta poderia ser preso e, em seguida, entregue às autoridades.

Porém, em 1795, a desconfiança contra os refugiados aumentou após um incêndio na cidade de Kingston, o fogo foi atribuído a uma tentativa de rebelião dos escravos apoiados pelos refugiados de São Domingos, destacou Gomez, (2010, p.204). Ainda de acordo com o mesmo autor, houve uma proclamação da Assembleia Colonial de 13 de abril 1793, estabeleceu que todos os sujeitos franceses tiveram de comparecer perante o magistrado da sua localidade, para que ele possa decidir quem era ou susceptível de ser ou expulso da ilha inglesa.

Ainda em 1733, afirmou Genovese, (1983, p.42) William Matthew escreveu para Londres que notícias do levante de St. John haviam chegado a Nevis através das ilhas francesas. Em 1816 um residente de Kingston, Jamaica, previu o conde de Bathurst de que a leitura da lei de registros, na Câmara dos comuns, teria repercussões perigosas.

Meu senhor-declara à mera ilusão a questão da abolição foi longe de demais, no sentido de causar nossa destruição e de renovar os horrores de São Domingos. [...]. Aqueles cavaleiros referiam-se unicamente as notícias que chegavam aos brancos? É de se duvidar. Conforme a testemunhou o levante na Jamaica de 1831, os brancos falavam demais e os escravos ouviam tudo. [...] (GENOVESE, 1983, p.42)

É possível destacar nesse trecho, a preocupação do governador e de um residente da cidade de Kingston em relação aos acontecimentos da antiga colônia francesa. Nesse sentido, Auzias e Labourdette (2015) interpretaram que, pouco tempo antes da Revolução de São Domingos, a economia da Jamaica era baseada no trabalho compulsório, naquela época, segundo esses autores, em uma população de 166 mil almas existentes no território jamaicano, mais de 140 mil eram escravos. Para tanto, os autores destacam que a Revolta dos escravos em São Domingos deve ser entendida como uma das causas fundamentais que influenciaram as revoltas na Jamaica.

A revolta vitoriosa de 1791 representava para os senhores de escravos um fracasso, devido a as produções que praticamente foram reduzidas, de outro lado, a Revolução bem sucedida de São Domingos, como relatou Genovese (1983), impulsionou uma revolta na consciência dos escravos em todo Novo Mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, os líderes negros Gabriel Prosser e Denmark Versey, respectivamente em 1800 e 1822, quando voltaram do Haiti, se inspiravam nos acontecimentos de lá para as suas próprias ações. Enquanto na Jamaica em 1831, as revoltas de escravos eram frequentes, os escravos no Caribe inglês se inspiravam nos acontecimentos de São Domingos e se rebelavam. Os primeiros refugiados que foram para a Jamaica chegaram em 10 de Setembro de 1791 dias após o início do levante no Norte. Foram algumas famílias proprietários de terra, que decidiram deixar o país com temor de levante dos escravos. De acordo com Genovese, (1983) em 1831 o visconde de Goderich em um comunicado enviado ao Conde de Belmore, mostrou a sua preocupação em relação à grande predominância dos africanos na Jamaica, onde as relações dos dois lados permaneceram estáveis.

Diante das repercussões, das influências dos acontecidos de São Domingos, os movimentos contra a escravidão se multiplicaram significativamente e de forma violenta, sendo assim, em 1833, o ato de emancipação foi adotado e um ano depois, devido ao programa de aprendizagem de Sharpe, a escravidão foi abolida. Porém, somente em 1838 que a emancipação dos escravos no território da Jamaica foi finalmente proclamada.

A partir das considerações apresentadas ao longo do texto, podemos afirmar que a Revolução Haitiana teve impactos significativos sobre as revoltas de escravos que ocorreram no Novo Mundo. Esta revolução pode ser considerada parte do grande movimento revolucionário da América do Sul que conduziu à independência dos países e da abolição da escravatura.

Nas palavras de Michel R.Trouillot, (2005) enfatizando o caráter impensável da Revolução, sustenta que a capacidade de escravos africanos almejarem a liberdade, desenvolverem estratégias para assegurá-la e fundarem um Estado independente por meio do levante revolucionário estava fora do quadro de compreensão do pensamento ocidental, mesmo enquanto a Revolução acontecia.

Tal argumento se contrapõe a uma visão ocidental, segundo a qual, a humilhação e as derrotas sucessivamente dos ingleses, espanhóis e especificamente à derrota do Napoleão em 1803 no Haiti não foram por heroísmo nem capacidade dos negros. Segundo essa visão as razões que levaram à derrota das tropas francesas teriam como causa o clima de doenças tropicais, sobretudo a febre amarela.

Em contraposição a esta visão, Genovese (1983, p.91) afirmou que:

[...] O exército revolucionário de São Domingos poderia, com efeito, ter sucumbido ao grande poder de fogo dos franceses, independentemente da presença da febre amarela, se não tivesse recebido o apoio de um indomável movimento de massa, que transformava as derrotas em vitórias. [...]

Outros autores como James (2000) e Brion Davis (1999) em relação ao assunto destacaram, sucessivamente, que o povo reduzia São Domingo a cinzas, a tal ponto que, no fim da guerra, ele havia se tornado um deserto carbonizado. Brion-Davis argumentou que, não resta à menor dúvida de que a independência haitiana, tal como a dos Estados Unidos e a das repúblicas latino-americanas, dependia de uma variedade de

circunstâncias. Mas se a população negra tivesse sido facilmente dominada, a epidemia de febre amarela teria feito muito pouca diferença. Ambos os lados sabiam que a febre viria, tal como as chuvas tropicais, mas apenas os negros tiraram vantagem desse conhecimento.

Assim, a Revolução Haitiana mostrou aos senhores de escravos da América que guerras civis internas ou mesmo guerras de independência contra o poder metropolitano levariam à destruição dos regimes coloniais e/ou escravistas que eles tanto buscavam proteger. Desta forma, o próximo capítulo é dedicado a discutir os impactos da Revolução Haitiana no Brasil, considerando o Brasil como o último país no Novo Mundo a abolir a escravidão em 1888, esse estudo terá ponto de partida a Conjuração Baiana de 1798.

### **CAPÍTULO 3. A REVOLUÇÃO DE SÃO DOMINGOS E A CONJURAÇÃO BAIANA: OS TUMULTOS DE DOIS MOVIMENTOS REVOLUCIONÁRIOS**

No final do século XVIII, vários países tanto na Europa como nas Américas, passavam por processo de mudanças políticas, na maior parte motivada pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade promovidas pela Revolução Francesa de 1789. A Conjuração Baiana, conhecida como Sedição dos Mulatos, Movimento Democrático Baiano, Inconfidência Baiana, assim nomeada de acordo com Valim, (2007) ou também como Revolta dos Franceses segundo Correa (1974). A Conjuração Baiana foi uma rebelião que ocorreu na Bahia, em agosto de 1798, que, pretendia libertar o Brasil do domínio português e atender as reivindicações dos grupos pobres da população. Segundo Cancian (2005) a Conjuração baiana pode ser considerada como o movimento mais abrangente em termos de objetivos políticos. Foi um movimento aberto à participação dos grupos populares e das ideias das mudanças sociais propostas. E como tal, defendia a emancipação política do Brasil do rompimento do pacto colonial.

Nesta época, a estrutura político-social nas Américas passava por profundas mudanças. De um lado, o Brasil representava um papel importante para Coroa portuguesa em relação à prosperidade econômica, mas de outro lado, em São Domingos, a mais importante das colônias da época nas Américas, a realidade era outra. A antiga colônia francesa foi alvo da cobiça de todas as grandes metrópoles européias da época, devido a sua rentabilidade nas produções de café, açúcar e outros. Porém, como foi mencionado nos capítulos anteriores, a Abolição da escravidão em São Domingos e a proclamação como país independente em 1804, mudou a ordem colonial estabelecida na época.

Durante o período revolucionário francês de 1789, as ideias democráticas; liberdade, igualdade e fraternidade se espalhavam nas colônias americanas, sobretudo nas colônias francesas da América. Em São Domingos, tanto os escravos como os homens de cor reclamavam os seus direitos fundamentais, deste modo, tal fato chamou a atenção dos proprietários sobre um eventual caso de rebelião dos escravos não apenas do Caribe, mas da toda América Latina. Assim, decidiram aumentar os meios de segurança com o objetivo de impedir não somente o contato com os estrangeiros ou

visitantes franceses, mas também de evitar que as colônias e as cidades fossem atingidas pelas ideias revolucionárias.

No Brasil, a vigilância era enorme. Nos principais portos, houve um sistema de controle onde os estrangeiros e visitantes foram vigiados e acompanhados durante as suas permanências no território. No entanto, isso não impede a circulação de vários boletins sediciosos nas ruas de Salvador chamando a população para construir a República baiana. De acordo com Maestri (2008), nos escritos dos boletins podia-se ler o apoio total ao movimento político e social que defendia a igualdade, independência da Bahia, a liberdade do comércio e da produção. Nesse momento à França revolucionária, era reconhecida pelo fim da escravidão, e da discriminação social e racial.

VALIM (2007, p.73) “ressalta que apesar da dificuldade das pessoas de ler o conteúdo dos boletins, a chamada teve uma grande repercussão devido à tradição oral (boca a boca) que era na época o meio mais adequado pelo qual a população se comunicava”.

Pouco antes da Conjuração Baiana de 1798, o Brasil já tinha influenciado pelas ideais liberais franceses, especificamente na capital Mineira por volta de 1789, ano da Revolução Francesa. Nesta época, a condição de vida da população baiana especialmente das camadas mais pobres encontrava-se numa situação econômica trágica, reivindicando as melhores condições salariais. Diante de tal situação, foi registrada na cidade uma série de motins, onde foram registrados atos de violências em vários estabelecimentos comerciais. Segundo Cancian (2005) no artigo intitulado: “Conjuração baiana: Revoltas dos alfaiates.”.

[...] Entre 1797 e 1798, presenciaram-se frequentes invasões de armazéns de alimentos por populares que os saqueavam. Foi nesse contexto de revolta e descontentamento popular, que a Conjuração baiana, gradativamente, tomou forma como movimento organizado na luta por mudanças políticas e sócias. [...] <sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> CANCIAN, Renan. (2005) **Conjuração Baiana: Revoltas dos alfaiates teve grande participação popular**. Consultado no dia 18/02/2016 em <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/conjuracao-baiana-revolta-dos-alfaiates-teve-grande-participacao-popular.htm>

Esse movimento mobilizando a Capital baiana pode ser considerado como um dos fatores iniciadores da Revolta de 1798. De acordo com Valim (2012) em 1799, o governador da Bahia, Fernando de Portugal ordenou uma investigação para descobrir os envolvidos na liderança dos movimentos, e ordenou-se a prisão de Domingos da Silva, acusado pelo fato de que a escrita dos panfletos parecia com a sua letra. A afirmação que a letra nos papéis parecia com a de tal personagem constatou-se como falta de veracidade, pois logo após a acusação à Domingos Silva, outros bilhetes foram encontrados onde podiam descobrir os autores, assim o nomeado Luis Gonzaga, pardo e soldado, foi preso, acusado de ter emitido tais bilhetes.

A prisão desse último mobilizou os outros conjurados, e se reuniram com o objetivo de pensar a possibilidade de libertar os prisioneiros. Dias após a prisão do Gonzaga, foram registradas três denúncias, de que o pardo João do Nascimento estava na liderança de um grupo de pessoas com a ideia de planejar uma rebelião, porém, tal iniciativa foi denunciada. (VALIM, 2012, p.25)

A preocupação do governador, Fernando José de Portugal, sobre os conteúdos dos papéis em circulação na cidade da Bahia manifestou-se na determinação dos escravos e pardos de se libertar. Cabe ressaltar que na época, os proprietários de escravos, as autoridades religiosas na América Latina, especificamente nos grandes polos comerciais existiam uma grande preocupação em relação aos ideais de liberdade e igualdade que se espalhavam na América francesa. Neste período, o cenário revolucionário obriga-se as potências europeias a revisar as políticas coloniais.

No Brasil, os proprietários portugueses na capital baiana estabeleceram medidas judiciárias, depoimentos, interrogações, prisões, execuções com o objetivo de reprimir duramente a revolta projetada. Isto porque, acreditava-se que os libertos, pardos e escravos na cidade baiana sabiam das ideias que circulavam sobre a revolta de escravos na antiga colônia francesa. O medo do Haiti não se restringia, entretanto, ao movimento liderado pelos pardos e soldados na capital. Nas duas cartas enviadas ao Rodrigo de Souza Coutinho, o provedor da Capital baiana, José Venâncio mostra a sua preocupação diante do grupo de quilombo que estava se formando na cidade de Cachoeira ao redor de Salvador. Podiam ler nessas cartas, a grande preocupação devido aos acontecimentos dos negros na colônia francesa do Caribe. (VALIM, 2012, p.87).

De acordo com Mott (1988, p.13-14) com a chegada da Família Real à capital da colônia, deu-se a montagem de toda uma estrutura que incluía a militarização da Corte e o estabelecimento de uma rede de comunicação no centro da colônia que se transformava em sede da Monarquia. Porém, foi constatado por Carlos Eugênio Soares e Flávio Gomes (2002) que, os senhores de escravos na América portuguesa mostraram as suas preocupações em relação ao ocorrido em São Domingos. Segundo autores, as notícias circulavam nas zonas de fronteiras, quando, em 1795, pouco antes da Conjuração Baiana, o governo do estado do Pará, informou ao Rei português sobre a situação de fuga de alguns negros.

Na Bahia entre 1808 e 1817 os comerciantes baianos comentavam os acontecimentos do Haiti, tais notícias aumentaram o clima de medo entre os proprietários de escravos, afirmou (MOTT, 1988, p.13-14). Conforme Verger (1987) no dia de 26 de dezembro de 1808, os escravos revoltados “ussás e nagôs” fugiram de diversas plantações da região açucareira do Recôncavo da Bahia, de Nazaré das farinhas e de Jagoaripe em particular. [...] Em 28 de fevereiro de 1814, todos os escravos [...] e de alguns plantadores vizinhos, em números de mais de seiscentos, atacaram as instalações dos senhores aos quais pertenciam por volta de quatro horas da manhã, ateando-lhes fogo, mataram, atacariam em seguida na cidade vizinha de Itapoã e ajudados pelos negros daquele lugar atearam fogo em algumas casas e mataram os brancos que tentavam impedi-los de resistir.

No final do século XVIII e no começo do século do XIX, o nome Haiti era visto nas Américas não apenas como uma ameaça, mas também como um símbolo de libertação. Pouco após a Proclamação da Independência em 1804, houve vários casos de suspeitos em vários estados brasileiros, especificamente as cidades com a grande concentração de escravos. Quando aconteceu em 1798 a revolta chamada Conjuração Baiana, a Revolução de São Domingos estava em curso e as repercussões eram muito presentes não apenas na América latina toda, mas especificamente no Brasil, pelo fato de que a América portuguesa representava um grande polo de concentração escravista, Sendo assim, foram muitos poucos os autores que negam as influências desta revolução.

A esse respeito, Valim, (2012, p.51) destaca que os proprietários na América portuguesa preocupassem com os acontecimentos na colônia francesa de São Domingos, medo de que os cativos não fossem influenciados pelas ideias

revolucionárias da Ilha. Nessa perspectiva, Varnhagem (1854, p.292-293), acredita que a Conjuração baiana não era nada mais que uma cópia da Revolução haitiana, nascida paradoxalmente com as suas diferentes.

A unidade racial é um recurso de que se deve lançar mão para impedir que ocorra no Brasil quer a experiência haitiana — os escravos por sua revolta acabam por dominar o país —, quer a experiência americana, [...]. Ele visava com isso, de um lado, evitar o desmembramento físico do país e, de outro, impedir que se formassem condições propícias ao surgimento de conflitos inter-raciais, perigosos para a estabilidade da Nação<sup>32</sup>.

Tal afirmação, segundo a qual, a Revolução haitiana de 1791-1804 teve grande repercussão no Brasil vem sendo reforçada. Nessa perspectiva, MOTT, (1988) destaca que em 1805 houve um caso no Rio de Janeiro, cidade com grande concentração de escravos, que preocupou os senhores, quando, o ouvidor do crime mandara arrancar dos peitos de alguns cabras e crioulos forros, o retrato de Dessalines Imperador dos Negros da Ilha de São Domingos. E o que era mais notável segundo o autor, esses mesmos negros estavam empregados nas tropas da Milícia do Rio de Janeiro, onde manobravam habilmente a artilharia. Pouco após a Conjuração Baiana, Choulhoub constatou:

Em 1831, chegou ao conhecimento da polícia que dois haitianos haviam desembarcado no Rio de Janeiro, e tinham sido vistos conversando com muitos pretos. Não há, é verdade, nenhuma referência conhecida a uma insurreição de negros de grandes proporções na cidade do Rio no século XIX. Todavia, o temor de que isto ocorresse era sólido como uma rocha, e era realimentado de vez em quando por revoltas urbanas em outros lugares, por notícias de haitianos passeando nas ruas da Corte, ou pelos rumores de uma conspiração internacional para submeter às sociedades escravistas. (CHALHOUB, 1990)

De acordo com Genovese (1983) em 1835, descobriu-se um plano de uma grande revolta que envolvia escravos e negros libertos da Bahia. Mesmo com plano descoberto e a grande revolta abortada, alguns escravos chegaram a enfrentar as forças policiais com grande empenho. Fosse a revolta bem sucedida, a Bahia estaria na iminência de se tornar um novo Haiti. Neste período, entre final do século XVIII e ao

---

<sup>32</sup> ODALIA, Nilo. **As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen**, Fundação Editora da UNESP-SP, 1997.

longo do século XIX, e, sobretudo depois da Revolução de escravos vitoriosa de 1791-1804, o nome do Haiti era visto no Novo Mundo como um tipo de “espectro” podendo influenciar os escravos em cativo.

Segundo Chalhoub (1990) a palavra *haitianismo* era utilizada na época, na América portuguesa para exprimir o medo causado pelo exemplo haitiano. No que diz respeito ao haitianismo, o historiador, destacou que a palavra, assumiu no século XIX um sentido mais geral, significando, a ameaça de movimentos populares com a participação de negros escravos e libertos. [...] (CHALHOUB, 1990, p.192).

Diante das repercussões que causaram a Revolução de 1791-1804 no Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX, Verger (1987) afirmou que no estado da Bahia ocorreu uma série de revoltas e de insurreição, em particular durante os anos de 1826-1828, 1830.

[...] Poder-ser-ia temer no Brasil o desenrolar de sangrentos eventos, semelhante aos que tinham acontecido no Haiti alguns anos antes. [...] “Liberdade! viva os negros e seu “Rei” e “Morte aos brancos e aos mulatos”. Eles esperavam que a sorte dos colonos do Haiti não lhes fosse reservada, levando em conta a enorme desproporção do número de negros e de brancos e do perigo que apresentavam [...] (VERGER, 1987, p.322-335)

Pude perceber que as repercussões da Revolução de São Domingos (1791-1804) chegaram à América portuguesa no momento em que os acontecimentos estavam em curso, e permaneceram até a metade do século XIX. Isto é, como foi discutido no decorrer do texto, as notícias que chegaram ao Brasil da antiga colônia francesa atiçaram a imaginação, alguns sinais significativos chamam atenção dos escravos. Durante os séculos XVIII e XIX as revoltas de escravos eclodiram numa época de mudança revolucionária no modo de produção.

Segundo Genovese, (1983, p.88) a escravidão surgiu no Novo Mundo em reação as exigências de um mercado mundial emergente. Para o autor: O tratamento brutal que levou milhares de escravos a fugir dos engenhos de açúcar e a enfrentar os grandes perigos do interior, originou-se, em parte, das pressões destinadas a intensificar o ritmo da exploração. Deste modo, a Conjuração Baiana de 1798 encaixa-se neste quadro onde escravos e pardos se rebelaram diante, primeiro do trabalho forçado, e também se rebelaram em um momento onde a sociedade escravista, os princípios coloniais estabelecidos na época enfrentaram com a união de escravos que entoaram canções

revolucionárias, símbolo de liberdade. É possível afirmar que as repercussões da Revolução de São Domingos de 1791 chegaram onde que os próprios líderes da Revolução não conseguiram e ameaçaram o sistema escravagista.

Tanto a Revolução de São Domingos de 1791 que de fato iniciou o processo de lutas antiescravagista na região, bem como a Conjuração Baiana de 1798 que pode ser considerada como um dos primeiros grandes movimentos brasileiros pelo fim da escravidão, são expressões maiores dos movimentos revolucionários do continente da época moderna.

A Revolução Haitiana tem suas diferenças no quadro revolucionário apresentado daquela época, constituída e realizada exclusivamente por escravos africanos e nativos, do início da cerimônia de Agosto de 1791 até a Independência em 1804 sem ajuda nem das outras colônias existentes naquele período.

Como discutido no capítulo anterior, este aspecto particular é considerado como uma das características que levou o historiador Michel R.Trouillot a afirmar que a Revolução de 1791 estava fora do quadro de compreensão do pensamento ocidental, mesmo enquanto ela acontecia. Para Varnhagen a Conjuração Baiana foi um arremedo da Revolução haitiana de 1791 como relatou Valim<sup>33</sup>, isto é, além de ser um movimento revolucionário, a sua base fundamental consiste na luta pelo fim da escravidão, ou seja, uma luta anti-escravagista.

Portanto para Dias Tavares, o levante baiano de 1798 tinha como objetivo alterar as relações de poder vigente a fim de garantir a igualdade (VALIM, 2007, p.14). Baseando neste aspecto, é possível destacar que apesar das influências da Revolução de 1791, que sofreram a revolta baiana de 1798, os conjurados baianos não queriam de maneira definitiva o fim da escravidão, a falta de uma luta anti colonialismo fazia sentir, no sentido que, uma vez que os proprietários tivessem garantido a “igualdade” entre

---

<sup>33</sup> VALIM, Patrícia. **Da sedição dos mulatos á conjuração baiana de 1798: A Construção de uma memória histórica**. Universidade de São Paulo, 2007, p.13-14.

escravos, pardos e outros, a dominação portuguesa continuava a mesma. Essa ideia de que os conjurados de 1798 queriam manter além de tudo a relação com a Coroa Portuguesa está presente ao longo de tudo o processo da independência do Brasil, isto é, a partir desse período. Talvez seja um dos fatores que podem ajudar a compreender o porquê o Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Isto, entretanto, não significou a ausência de conflitos na luta pela independência.

Rodrigues, (1975) aponta que durante a batalha pela independência brasileira nos períodos de 1822-1823, houve várias guerras em vários estados, muitas mortes, as resistências não foram simples, mas tudo fazia parte das tentativas da Coroa Portuguesa de manter a sua colônia nas Américas.

No entanto, a Revolução de São Domingos tinha um caráter muito radical, os líderes desta revolução além de lutar pelo fim do sistema escravagista e o trabalho compulsório, eles se lutaram pela separação total da metrópole, ou seja, uma luta pelo fim da dominação francesa, em termos políticos.

Contudo, tais aspectos não devem ser considerados como o único ponto podendo diferenciar a revolta da antiga colônia francesa da revolta na América portuguesa, pois foram dois tipos de colônia diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo compreender a Revolução Haitiana de 1791 estudando não apenas os seus efeitos internos, o que levou o país à independência, após muitos anos de lutas, e a ser a primeira república negra no mundo. Mas objetivou também identificar as influências da revolução além de suas fronteiras e, sobretudo, sobre o Novo Mundo. Interessou-me também em compreender como que a vitória dos negros foi vista na historiografia francesa nos últimos anos.

Sobre a ordem de Toussaint e de Dessalines e outros, os negros de São Domingos provaram para o mundo ocidental as suas capacidades, organizando a *Vertière* a cerimônia histórica que conduziu a libertação dos escravos. A vitória sobre as tropas francesas foi de fato uma prova da inexistência da supremacia racial dos europeus. Mas essa vitória protagonizada pelos escravos frente ao exército do Napoleão, o mais respeitado da época foi ocultada na memória francesa durante séculos, como afirmou Rose - Mie (2003).

No início do século XIX, o Haiti permaneceu totalmente isolado diplomaticamente; por ser o único Estado independente do Caribe a se livrar da dominação colonial por conta própria, único estado livre e independente da América onde a escravidão foi oficialmente abolida, único Estado negro do hemisfério ocidental, onde as pessoas de cor estão no controle do poder político, único estado no mundo nascido de uma revolução de escravos bem-sucedida.

O período revolucionário haitiano de 1791-1804 foi um período importante na história do Novo Mundo, no sentido de que têm transformado e influenciado ao longo do século XIX as grandes correntes revolucionárias da zona. Pelo fato que contribuiu grandemente tanto no processo de independência dos países da América Latina quanto na Abolição da escravatura em toda América

Pude perceber que a relação do Haiti pós-independência com o cenário internacional, tanto com a sua antiga metrópole como com vários outros países como, por exemplo, Estados Unidos, revelou-se muito tensa. O que contribuiu não apenas para o isolamento do Haiti na cena internacional, mas especialmente, que levou os velhos e novos países da época a negar o seu reconhecimento até a metade do século XIX.

A negativa internacional da autonomia política do Haiti se manteve até 1825, ano em que a França impõe a sua antiga colônia o pagamento em ouro pelo reconhecimento da sua independência. A autora Rose-Mie (2003) relatou que no congresso de Viena de 1815, onde grandes potenciais se reuniram para redesenhar o mapa político depois das derrotas do exército napoleônico, o Haiti era visto como o país rebelde pela França desde em 1804, sendo os grandes países aconselhados a não se relacionar com a nova República.

[...] Haiti agora governando pelo presidente Boyer, a frota francesa pressionou o governo haitiano a aceitar a obrigação de pagar indenização aos ex-proprietários de São Domingos. O governo monarquista sabia que a reconquista do Haiti estava fora da questão, mas precisava dar alguma resposta aos antigos proprietários das *plantations* de São Domingos, ainda mais porque os *émigres* que haviam perdido seus bens na própria França durante a Revolução receberam uma polpuda indenização [...] até então o Haiti não fora reconhecido por nenhuma potência. (BLACKBUN, 2002, p.512)

Tal fato pode nos ajudar a compreender por que a independência da nova nação foi negada pelos principais países da época. Considerando, os anos de 1809 para frente depois de o congresso americano ter levantado a interdição que existia no comércio entre os dois países, os Estados Unidos ainda recusaram o reconhecimento da independência da primeira república negra. Essa posição durou até 1862, no meio da guerra de secessão quando o influente senador americano abolicionista Charles Sumner<sup>34</sup> defendeu a importância das relações entre ambos os países, logrando a aprovação de uma lei pelo presidente Abraham Lincoln em 5 de junho do mesmo ano. Sendo assim, os Estados Unidos se tornou o último país do Novo Mundo e um dos últimos do mundo a reconhecer a independência do Haiti.

O fato do Haiti ter derrotado as tropas francesas e ter saído da dominação ocidental teve um peso muito grande no seu futuro. Primeiramente, pela ordenança do Rei Charles X que determinou o pagamento de cerca de 150 milhões de franco-ouro pelo país, ignorando que já tinha sido ganho com o trabalho e sangue dos escravos. Este

---

<sup>34</sup> Por mais detalhes sobre Charles Sumner, ver Léonard Rose-Mie. L'indépendance d'Haïti perceptions aux États-Unis, 1804-1864. In: Outre-mers, tome 90, n°340-341, 2e semestre 2003. Haïti Première République Noire. pp. 207-225.

ato mostrou a incapacidade dos franceses de reconhecer e aceitar a derrota de 1803 no Haiti.

Cerca de dois séculos depois da abolição da escravidão na mais próspera da colônia francesa da América, a deputada, e então atual ministra da justiça da França, Christiane Taubira apresentou uma lei na qual reconhecia-se o tráfico e a escravidão como *Crime contre l'Humanité*. Depois da votação e da publicação da Lei em 21 de maio de 2001<sup>35</sup>, surgiu nos debates que estavam sendo realizados tanto nas universidades, nos parlamentos, como nas várias mídias dos países envolvidos como o assunto, a questão da reparação.

Nesta lei conhecida como “*Loi Christiane Taubira*”, entre outras medidas propõe *Réparation e Restitution* às antigas colônias que foram vítimas das atrocidades européias, especificamente as da França. No caso do Haiti, o crime foi duplo, além de ser explorado e sofrer durante séculos a dominação francesa, o país foi obrigado a pagar pelo reconhecimento da sua independência, o que colaborou diretamente para o que o Haiti seja atualmente, um dos países mais pobre do mundo.

Paradoxalmente, alguns anos após o isolamento do Haiti na cena internacional, os países latinos americanos que tiveram a ajuda do Haiti, tanto na luta pela abolição da escravidão como no processo de independência<sup>36</sup> decidiram seguir o mesmo passo das potências européias.

Segundo Brière, (2008) no congresso de Panamá organizado em 1826 por Bolívar, todos os países independentes do continente foram convidados, exceto o Haiti. A exclusão do Haiti neste congresso pode ser compreendida inicialmente pela influencia dos Estados Unidos que na época queriam estender um poder de controle sobre a América toda com a política do presidente James Monroe, que proibiu toda nação européia de interferir nas políticas dos países americanos. Por isso, os Estados Unidos conseguiram manter todas as metrópoles europeias longe das antigas colônias da America.

Em seguida, esta exclusão do Haiti também pode ser vista como um mecanismo usado pelos Estados Unidos para controlar o fluxo de escravos existente na época em

---

<sup>35</sup> <http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000405369&categorieLien=id>  
aceso: 18/082015 / 18 horas, horário de Brasília.

<sup>36</sup> Léonard Rose-Mie. L'indépendance d'Haïti perceptions aux États-Unis, 1804-1864. In: Outre-mers, tome 90, n°340-341, 2e semestre 2003. Haïti Première République Noire. pp. 207-225.

vários estados do país, pois a participação do Haiti no congresso era vista como um risco. Lembrando que na época ainda a escravidão era muito forte em vários lugares, tanto na América latina, como o caso de Cuba, quanto nos Estados Unidos. A discussão apresentada nesse trabalho apontou que dois séculos depois da Revolução de 1791, a única revolta de escravos vitoriosa da época e que criou a primeira República negra do mundo, seus impactos e as consequências ainda hoje estão vivos e visíveis.

Os impactos da Revolução Haitiana são muito mais positivos que negativos positivos no sentido de que a Revolução de 1791 iniciou e tem contribuído na luta pelo reconhecimento e aceitação do negro e da igualdade entre todos os seres humanos. Que Brancos, amarelos, vermelhos azuis somos todos uns, não há supremacia de raça. Quando em 1804, o grande líder Jan Jak Desalin declarou que “[...] não há liberdade sem o bem estar, [...]” ao declarar essa frase, ele foi capaz a dizer o que até mesmo os grandes filósofos de luzes do século XVIII não conseguiram.

Depois de ter derrotado as tropas francesas e ter conquistado a independência de seu país Haiti, Dessalines e seus companheiros sentiram a necessidade promover e libertar outros povos da América Latina sob o jugo europeu. Por esta postura julgada radical, em relação à liberdade, o Haiti tem sido desde 1804 até os dias de hoje duramente censurado pelo ocidente.

## FONTES

**SAINT MÉRY DE, Moreau. Description Topographique, Physique, Civile, Politique et Historique de la Parite Française de l'Île de Saint Domingue.** Paris: Guérin et Cie, 1875.

**SCHOELCHER, Victor. Vie de Toussaint Louverture.** Paris: Karthala, 1889, c1982.

**VARNHAGEN, Francisco Adolfo. Historia geral do Brazil:** [isto e, do descobrimento, colonisação, legislação e desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos recolhidos nos archivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda. Rio de Janeiro, RJ; Madrid: Eduardo & Henrique Laemmert: V. de Dominguez, 1854-1857

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUZIAS, Dominique; LABOUDETTE, Jean-Paul. **Jamaïque 2016 Petit Futé: Paris, 2015**

AZEVEDO Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX.** São Paulo, SP: Annablume, 2004.

BERLLEGARDE, Dantes. **La Résistance Haitienne: L'occupation Américane d'Haiti.** Port au Prince: Fardins, 2012.

BLANCPAIN, François, **La conlonie française de Saint Domingue,** Paris: Karthala 2004.

BLACKBURN, Robin. **A queda do escravismo colonial: 1776-1848.** Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002.

BRIÈRE, Jean-François. **Haïti et la France, 1804-1848: le rêve brisé.** Paris: Karthala, c2008.

CANCIAN, Renan. **Conjuração Baiana: Revoltas dos alfaiates teve grande participação popular,** (2005) Consultado no dia 18/02/2016 em <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/conjuracao-baiana-revolta-dos-alfaiates-teve-grande-participacao-popular.htm>

CARLOS, Eugênio Soares; FLÁVIO, Gomes. Sedições, haitianismo e conexões no Brasil escravista: outras margens do atlântico negro. **Novos Estudos CEBRAP N.º 63,** (julho 2002), pp. 131-144

CHALHOUB Sidney. **Visões da liberdade: uma historia das ultimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

CORREA, Viriato. **Historia da liberdade no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro, RJ; Brasília, 1974.

FARRAUDIÈRE, Yvette. **La naissance d'Haïti à la croisée de trois voies révolutionnaires.** Paris. L'Harmattan, 2005

FERRER, Ada. A sociedade escravista cubana e a Revolução Haitiana. **Almanark,** n.3(2012), pp.37-53.

GENOVESE Eugene D. **Da rebelião a revolução.** São Paulo, SP: Global, 1983.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo, SP; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/, Centro de Estudos Afro-Asiáticos/: Editora 34, 2001.

GROU, Élizabéth, **Débats contemporains dans l'historiographie de la Révolution haïtienne**. (M.A em Histoire) Université de Montréal, Montréal, 2013.

HURBON, Laennec. **L'insurrection des esclaves de Saint Domingue**, Paris: Karthala, 2000.

Flavio, Gomes. “Experiências transatlânticas e significados locais: idéias, temores e narrativas em torno do Haiti no Brasil Escravista”. **Tempo**, núm.13, (Julio, 2002), pp. 209-246.

GORENDER, Jacob. **A escravidão reabilitada**. São Paulo, SP: Ática, 1990.

JANCSO, Istvan. **Na Bahia, contra o império: historia do ensaio de sedição de 1798**. São Paulo; Salvador: Editora Hucitec: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo, SP: Boitempo, 2000.

KLEIN, Herbert S. **Escravidão africana: America Latina e Caribe**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

LEAONDRO, Goya Fontella; ELISABERT, Weber Medeiros, “**REVOLUÇÃO HAITIANA: O MEDO NEGRO ASSOMBRA A AMÉRICA**” *Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 8, n. 1, (2007), pp.

Léonard Rosemie. **L'indépendance d'Haïti perceptions aux États-Unis, 1804-1864**. In: **Outre-mers**. Tome 90, n°340-341, (2003) 207-225.

LOVEJOY, Paul E. **IDENTIDADE E A MIRAGEM DA ETNICIDADE A JORNADA DE MAHOMMAH GARDÓ BAQUAQUA PARA AS AMÉRICAS**. Revista **Afro-Asia**, (2002). p.27.

MOISE, Claude. **Création de l'État haïtien-Constitutions: continuités et ruptures IN Génèse de l'État haïtien, 1804-1859**. Paris: La Maison des sciences de l'homme, c2009

MOTT, Luiz R. B. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo, SP, 1988.

MOURA, Clovis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo, SP: EDUSP, 2004.

O ODALIA, Nilo. **As formas do mesmo**: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1997.

VALIM, Patrícia. Da sedição de mulatos a conjuração baiana de 1798: a construção de uma memória histórica. (tese de doutorado em história) Universidade de São Paulo: SP, 2007.

RAIMON, Julien. *Observateur sur l'origine et les progress du prejudice des blancs contre les hommes de couleur*, Paris, 1791

REIS, João Jose. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos males, 1835. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

REIS, João Jose; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.

RODRIGUES, Jose Honório. **Independência**: revolução e contra-revolução. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1975. 5 v.

SCOTT, Rebecca; HERARD, Jean M. “**Rosalie, nação poulard: liberdade, dignidade e direito na era da revolução haitiana**”, *Afro-Asia*, vol.46 (2012), PP.61-95.

SCHOELCHER, Victor. **Vie de Toussaint Louverture**. Paris: Karthala, 1889, c1982.

TAUBIRA, Christiane. **Loi n° 2001-434 du 21 mai 2001 tendant à la reconnaissance de la traite et de l'esclavage en tant que crime contre l'humanité**. <http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000000405369&categorieLien=id> aceso: 18/082015 / 18 horas, horário de Brasília.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do trafico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos dos séculos XVII a XIX**. 2. ed. São Paulo, SP: Corrupio, c1987.

SANTOS NASCIMENTO, Washington. **Além do medo**: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791 – 1840) **Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria**. v. 10, n.18, jul. - dez. (2007), p. 469-488.

